

METAFICÇÃO E A FORMAÇÃO DO JOVEM LEITOR NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

METAFICTION AND THE FORMATION OF THE YOUNG READER IN
THE BRAZILIAN CONTEMPORARY CHILDREN AND YOUNG
LITERATURE

METAFICCIÓN Y LA FORMACIÓN DE LOS JÓVENES LECTORES
MENORES EN LA LITERATURA BRASILEÑA CONTEMPORÂNEA

*Diana NAVAS**

Resumo: A metaficção, definida por Linda Hutcheon como “fiction about fiction – that is, fiction that includes within itself a commentary on its own narrative and/or linguistic identity” (1984, p. 1), é uma tendência contemporânea em progressiva expansão na literatura infantojuvenil. Questiona-se, entretanto, neste artigo, se a narrativa de cunho metaficcional pode permitir a construção de um leitor mais crítico e reflexivo. Em caso afirmativo, indaga-se, ainda, como essa ruptura na forma tradicional de escrever literatura destinada preferencialmente a jovens e crianças pode contribuir para que o leitor seja concebido como um colaborador e não como mero consumidor passivo de uma obra literária. No intento de responder a tais questionamentos, o estudo recorrerá às concepções teóricas de Linda Hutcheon (1984) e Patricia Waugh (1984), no que concerne à metaficção, bem como ao posicionamento de Teresa Colomer, (2003) no tocante à presença de estratégias metaficcionalis na atual literatura infantojuvenil. Para a consecução do objetivo, tomam-se como objetos de estudo as obras “Fazendo Ana Paz” (1991) e “Retratos de Carolina” (2002), de Lygia Bojunga Nunes.

Palavras-chave: literatura contemporânea brasileira; metaficção; leitor; Lygia Bojunga.

Abstract: The metafiction, defined by Linda Hutcheon as “fiction about fiction – that is, fiction that includes within itself a commentary on its own narrative and / or linguistic identity” (1984, p. 1), is a contemporary tendency in progressive expansion in children’s literature. It is questioned, however, in this article, if the narrative of metafictional nature allows the construction of a more critical and reflective reader.

* Professora Doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP, ministra disciplinas referentes ao estudo da literatura juvenil portuguesa e brasileira. Realizou seu pós-doutorado na Universidade de Aveiro (Portugal), centrando sua pesquisa nas Tendências da Literatura Juvenil Contemporânea. Contato: diana.navas@hotmail.com.

And, in case of an affirmative answer, it is also asked how this fracture in the traditional way of writing literature for children and youth can help the young reader to be conceived as a collaborator rather than a mere passive consumer of a literary work. In the attempt to answer such questions, the study will consider theoretical conceptions of Linda Hutcheon (1984) and Patricia Waugh (1984), regarding the metafiction, as well as the considerations of Teresa Colomer (2003) about the presence of metafictional strategies on current children's literature. To achieve this aim, it is taken as object of study two pieces of work: "Fazendo Ana Paz" (1991) e "Retratos de Carolina" (2002), of Lygia Bojunga.

Keywords: Brazilian contemporary literature; metafiction; reader; Lygia Bojunga.

Resumen: La metaficción, definida por Linda Hutcheon como "ficción sobre ficción", es decir, "ficción que incluye dentro de sí un comentario sobre su propia narración y/o identidad lingüística" (1984, p. 1), se ha convertido en una tendencia de aumento progresivo en la literatura infantojuvenil contemporánea. Sin embargo, en este artículo se cuestiona si la narrativa metafictional puede permitir la construcción de un lector más crítico y reflexivo. Y si, de ser así, cómo una alteración de la forma tradicional de escribir literatura dirigida principalmente a los jóvenes y a los niños, puede contribuir a que el lector sea concebido como un colaborador y no como un mero consumidor pasivo de una obra literaria. Con la intención de dar respuesta a estas preguntas, el estudio hará uso de concepciones teóricas de Linda Hutcheon (1984) y Patricia Waugh (1984), sobre la metaficción, así como del posicionamiento de Teresa Colomer (2003) en lo que se refiere a la presencia de estrategias metafictionales en la literatura infantil y juvenil actual. Para lograr el objetivo, se toma como objeto de estudio las obras "Fazendo Ana Paz" (1991) y "Retratos de Carolina" (2002), de Lygia Bojunga Nunes.

Palabras clave: Literatura Contemporánea Brasileña; metaficção; lector; Lygia Bojunga.

1 Tendências da atual literatura infantojuvenil

Várias são as mudanças observáveis na literatura destinada preferencialmente a jovens e crianças na contemporaneidade. Em diálogo com o atual contexto histórico-cultural, a literatura infantil e juvenil aborda, de forma crítica, mudanças sociológicas no que diz respeito à família, à multiculturalidade, assim como novas preocupações e valores sociais. É comum, nas narrativas endereçadas aos jovens leitores, a presença de temas que, durante muito tempo, foram deles ocultados: drogas, aborto, política, questões raciais e de gênero são alguns assuntos criticamente apresentados pela literatura infantil e juvenil, convidando o jovem a refletir e agir em relação a tais temas.

As mudanças, entretanto, não estão presentes apenas no nível temático. Modificações estruturais são também incorporadas à literatura infantojuvenil: fragmentação, quebra da linearidade, intertextualidade e o desnudamento do processo ficcional são elementos não mais limitados à narrativa dita “adulta”, pois ocupam também as páginas das obras destinadas às crianças e aos jovens.

A incorporação desses elementos na estrutura narrativa contribui, decisivamente, para o redimensionamento do papel de participação do leitor na (re)construção do texto literário, o qual é convidado a participar, a reescrever, a revisitar outros textos. Rompendo com o pressuposto de uma leitura inocente, o leitor é convidado a resolver as ambiguidades criadas pelo texto, a conectar as diferentes partes da história, a integrar as vozes distintas que se fazem ouvir, a reconhecer as referências intertextuais que a ele se apresentam, a sair da narrativa e colocar-se em uma posição distanciada. Em outras palavras, trata-se de uma produção que conduz o leitor a adquirir uma postura mais ativa face ao texto, haja vista ter que cooperar explicitamente com ele.

2 Metaficção e ruptura: os desafios propostos ao jovem leitor

Dentre as inovações macroestruturais presentes na atual literatura destinada a jovens leitores, interessa-nos discutir a metaficção, definida por Gustavo Bernardo como “um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou contendo a si mesma” (2010, p. 9).

Desmascarando todas as técnicas e os procedimentos de construção textual comumente mascarados nos textos tradicionais, a metaficção revela as costuras do texto, seus bastidores, deixando em evidência como um texto é construído ficcionalmente mediante uma série de convenções partilhadas pelos seus leitores. Iniciando as crianças e jovens, simultaneamente, no conhecimento das convenções ficcionais e na leitura de diferentes formas de transgressão de certa literatura, os textos metaficcionais, indubitavelmente, provocam um efeito questionador no leitor.

Concebendo a metaficção como uma escrita ficcional que, de forma autoconsciente e sistemática, chama a atenção para seu estatuto enquanto artefato, Patricia Waugh (1984) assegura-nos que os textos

metaficcionais levam-nos, ainda, a refletir acerca de uma importante questão: a relação entre ficção e realidade. Oferecendo uma crítica acerca dos seus próprios métodos de construção, visto que tais obras não só examinam as estruturas fundamentais da ficção narrativa, como também exploram a ficcionalidade do mundo fora do texto literário, os textos metaficcionais convidam o leitor a repensar a questão da linguagem e o estatuto daquilo que considera “real”. A linguagem, a partir dessa perspectiva, não reflete passivamente um mundo coerente, com sentido. Ela é independente, é um sistema autocontido que gera os seus próprios significados. É esta relação com o mundo –complexa, problemática e regulada por convenções – que a metaficcionalidade vai explorar.

Contendo não apenas o discurso da ficção, mas também o discurso crítico, a metaficção desafia os leitores a pensarem de forma diferente acerca da literatura, convidando-os à leitura de novas formas de ver e de ler o mundo ficcional. Mais do que isso, este discurso desafia o leitor a desenvolver um pensamento igualmente crítico acerca da textualidade. Além disso, por apresentarem a obra em processo de construção – e não como algo acabado – as narrativas de cunho metaficcional envolvem os leitores na produção de significados textuais.

Ensinando o leitor acerca do funcionamento da literatura, as narrativas desse tipo estimulam o leitor a refletir acerca das formas de interagir com o texto, prestando atenção à informação não explicitada, para que este possa mais eficazmente construir e ativar quadros de referência e concretizar polos de ficcionalidade, instrumentos úteis para o desenvolvimento de um leitor mais competente. Desta forma, o leitor aprende a ler de forma menos ingênua, adquirindo competências críticas que lhe permitirão olhar os textos na pluralidade de seus contextos e funções, incluindo aí também a função ideológica.

Diferentemente das obras tradicionais, que enredam o leitor de modo emotivo, as narrativas metaficcionais atraem o leitor pela curiosidade e pelo prazer de descobrir por quais mecanismos a narração provoca as expectativas do leitor, ou para entender como é que as narrativas se valem das suas invenções e de suas rupturas. Para atingir esse enredamento, múltiplas são as estratégias metaficcionais empregadas para enredar o leitor: a intertextualidade, o narrador intrusivo, os experimentos tipográficos, a explícita dramatização do

leitor, a paródia, a discussão crítica da história dentro da própria história e a desconstrução contínua das convenções narrativas são algumas delas.

Vejam, então, a presença dessas estratégias ficcionais em duas importantes obras da literatura contemporânea brasileira: “Fazendo Ana Paz” (1991) e “Retratos de Carolina” (2002), ambas de Lygia Bojunga, de forma que possamos compreender como o emprego de tais recursos contribuem para a formação do leitor.

3 A metaficção na literatura infantojuvenil brasileira: as obras de Lygia Bojunga

3.1 Lygia Bojunga: o desejo de repensar a escrita

Um dos mais significativos nomes na literatura infantojuvenil brasileira contemporânea é o de Lygia Bojunga, autora que revela, no conjunto de sua produção, a preocupação em refletir acerca da materialidade da escrita e do desnudamento do processo de *poiesis*.

Dentre as obras que se debruçam sobre o pensar do próprio fazer literário estão, inicialmente, “Fazendo Ana Paz” (1991); “Livro: um encontro com Lygia Bojunga” (1988) e “Paisagem” (1992). Se em “Livro”, a autora discorre sobre a íntima relação entre o narrador e o objeto livro e, em “Paisagem”, o foco recai sobre a relação entre o autor e o leitor, em “Fazendo Ana Paz”, a autora (des)venda os mecanismos que envolvem o processo de criação literária, mediante a (re)construção de uma personagem e a criação de uma narradora que, embora fictícia, espelha a própria autora Lygia Bojunga.

O desnudamento dos mecanismos da ficção, no entanto, não se esgota nessa trilogia, estendendo-se também a “Retratos de Carolina” (2002), obra na qual a protagonista reclama à sua criadora – e, novamente, Lygia Bojunga assoma na obra como personagem – a criação de retratos mais felizes para si, questionando o enredo criado pela autora, bem como a auxiliando em sua elaboração.

Em nossa análise, deter-nos-emos em duas de suas obras metaficcionalis: “Fazendo Ana Paz” e “Retratos de Carolina”.

3.2 “Fazendo Ana Paz”: metaficção e (des)construção

Em “Fazendo Ana Paz”, a ruptura com a tradicional forma de escrever narrativas destinadas ao público infantojuvenil se evidencia desde suas primeiras páginas, com o prólogo intitulado “Caminhos”. Nele, a autora evidencia que foi a necessidade de “falar mais dramaticamente do ato de escrever” (1991, p. 09) que a fez elaborar uma nova personagem, assinalando que a trajetória com Ana Paz foi difícil, marcada por impasses, pausas e vazios: “tropecei e parei muitas vezes, mas me levou a um livro que eu chamei ‘Fazendo Ana Paz’” (1991, p. 09). Ou seja, a autora já adverte seu leitor, desde o início da narrativa, que aquilo que está a ler é uma construção discursiva, que a personagem é um ser de papel, rompendo, assim, com o pacto estabelecido pela ficção tradicional.

Estabelece-se, ainda, com esse início, um evidente jogo com o leitor, que se depara com uma narradora que, em um desdobramento narcísico, simula ser a escritora real, verificando-se, ao mesmo tempo, a simulação da autonomia da personagem. Por meio desse artifício, “confere-se verossimilhança à instância narradora e, ao mesmo tempo, cria-se uma personagem capaz de desprender-se por vontade própria da diegese a que pertence para atuar em um plano superior” (ANDO, 2011, p. 174). Ou seja, os limites entre realidade e ficção tornam-se confusos, visto a autora, ser real, tornar-se fictícia e a personagem, ser fictício, assumir um papel de ser “real”, independente dos desígnios de sua autora.

A narradora de “Fazendo Ana Paz” explicita a dificuldade da gênese literária, esclarecendo ao leitor a dificuldade em dar vida às suas personagens:

[...] às vezes, a gente se despedia num fim de semana, e quando na segunda-feira eu abria o caderno pra me encontrar de novo com ele: cadê?! Tinha me escapado. E eu ficava esperando ele voltar. E nada. E todo o dia eu olhando pra página branca, esperando ele sair dela. E nada: Sua Excelência sumida. (BOJUNGA, 1992, p. 12).

As dificuldades encontradas no processo da criação literária são trazidas pela autora para dentro do texto que, de modo singular, vale-se da metalinguagem para concretizá-las em imagens palpáveis, como a da personagem que se despede da escritora e, de repente,

desaparece sob a folha em branco. Desta forma, observa-se que os impasses da criação são convertidos em matéria artística; as costuras do tecido são deixadas propositalmente à mostra, chamando a atenção do leitor para o processo de construção da obra e não para o produto, como o fazem as narrativas tradicionais.

A apresentação da protagonista, também diferentemente das obras tradicionais, surge apenas várias páginas após o início da obra. É ela quem se apresenta: “Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos; eu acho o meu nome bonito” (BOJUNGA, 1992, p. 13). A partir de sua apresentação, duas outras vozes serão intercaladas a dela, o que se faz, a princípio, de modo aparentemente aleatório: a da Moça de 18 anos, que relata sua paixão por Antônio; e a da Velha de oitenta, a qual revela sua intenção de retornar à casa da infância no Rio Grande do Sul. Essas vozes são alinhavadas pelo discurso da narradora-escritora, em suas pertinentes reflexões metalinguísticas.

Resulta da alternância dessas diferentes vozes um discurso fragmentado, o qual materializa textualmente a múltipla focalização e a sobreposição de diferentes tempos e espaços, cabendo ao leitor o papel de reunir essas diferentes peças, que compõe um *puzzle*, para (re)construir a narrativa e desvelar que as três personagens: Ana Paz, a Moça e a Velha são, na verdade, uma só em diferentes momentos de sua trajetória existencial.

É válido observar que, além da reconstituição da história dessa personagem “múltipla”, o leitor se defronta com o discurso da autora ficcionalizada que, pouco a pouco, vai sendo delineado. Um discurso que expõe e, ao mesmo tempo, oculta o próprio processo de construção, em um jogo com o leitor, o qual é desafiado, a todo o tempo, a deixar seu papel passivo e a assumir um papel de coautor na construção do texto literário.

A narrativa segue exibindo uma série de rascunhos, experiências, impasses da autora e a suposta escrita de outro livro, até que o leitor se defronta com o clímax: a escritora, insatisfeita com a própria criação, decide “rasgar” Ana Paz. Neste momento, rompendo as fronteiras entre o “real” e o fictício, a personagem emerge da narrativa para “defender-se”, decorrendo daí um surpreendente embate entre criador e criatura.

mas quando eu fui rasgar a cena em que a Ana Paz - moça encontra o Antônio lá no banco da praia, ela se levantou:

– Não! mal ou bem, nessa hora eu tô me apaixonando por um homem, eu tô me sentindo tão viva [...] e você me rasga? (BOJUNGA, 1992, p. 52).

Observam-se, aqui, referências à relação entre vida e ficção. A personagem invade o espaço da escritora, inserindo-se na instância demiúrgica, ao passo que a escritora ficcionaliza-se. Ao se confrontar com o próprio objeto de criação, ao interagir com uma de suas personagens, torna-se ela também uma personagem.

É interessante observar como, além de dirigir-se diretamente à sua criadora, Ana faz alusão à figura do leitor com o qual teria contato, caso persuadisse a escritora a mantê-la “viva”: “Por que que você não pode me contar pros outros assim?” (BOJUNGA, 1992, p. 54). Desta forma, a personagem põe em jogo o limiar entre realidade e ficção, mesclando actantes do universo narrativo e daquele dito “real”, levando o jovem leitor a questionar se também a realidade em que vive não poderia ser uma construção discursiva.

A inversão de papéis entre criador e criatura, embaralhando as distinções entre real e fictício, intensifica-se em “Retratos de Carolina”.

3.3 Retratos de Carolina: (con) fusão entre realidade e ficção

“Retratos de Carolina”, obra publicada em 2002, narra a história de Carolina em diferentes fases de sua vida. Estamos, como sugere o título, ao longo dos capítulos, expostos a “flashes” que revelam a vida da protagonista aos 6, 15, 20 e 25 anos de idade, desenhando autorretratos que focalizam a infância, adolescência e maturidade da personagem. Os intervalos existentes entre esses “capítulos” da vida cabem ao leitor construir.

O enredo, apenas aparentemente linear, haja vista que, em vários momentos, a linearidade é rompida por digressões, flashbacks e pela instauração do tempo psicológico, oferece-nos os dilemas enfrentados em cada fase da vida: a amizade e a lealdade não correspondidas; a responsabilidade na escolha da profissão; o casamento; a escolha por prosseguir ou não com uma gravidez; a perda de um ente querido e a responsabilidade em assumir os rumos da

própria vida, são algumas das situações enfrentadas por Carolina, protagonista que inicia a obra criança e, ao final da primeira parte do livro, já é uma mulher. Dizemos, aqui, primeira parte porque o livro está dividido em duas partes: se na primeira temos apresentada a vida de Carolina; na segunda, deparamo-nos com o desnudamento da obra que estamos a ler. Intitulada “Pra você que me lê”, constitui-se em um capítulo metalinguístico, que rompe com as expectativas do leitor. Trata-se de um imprevisível corte da sequência narrativa para dar espaço à outra história, que, todavia, mantém estreitos laços com a história contada pelos retratos:

Deixa ver se eu me explico: se lá no *Feito à Mão* eu uso o espaço da nossa conversa pra te contar como é que eu desenvolvi o projeto de um livro artesanal, aqui, nos *Retratos*, eu uso um espaço diferente (justo quando o livro vai acabando é que eu começo o papo) pra te contar a hesitação que me perseguiu até conseguir botar um ponto final na Carolina. Só que, dessa vez, eu converso com você em feitiço de *história-que-continua* (BOJUNGA, 2002b, p. 163, grifos da autora).

Nesta segunda parte do livro, assistimos ao embate entre escritor e personagem, criador e criatura, o que ocorre a partir da reivindicação de Carolina por retratos menos frustrantes do que os oferecidos a ela por sua autora na primeira parte. Neste momento, além de a narradora dirigir-se ao leitor, ocorre o encontro “real” entre a narradora-escritora e Carolina, encontro que se situa em um espaço atemporal extradiegético: o espaço demiúrgico da criação. Duas histórias aqui que se entrelaçam: a história dos retratos de Carolina e a do embate entre Carolina e a escritora que lhe deu vida. O texto deixa, então, de dirigir seu olhar às peripécias vivenciadas pela protagonista para se deter no processo de sua construção, o que, indubitavelmente, enreda o jovem leitor, acostumado a reconhecer a literatura apenas como mimese do produto e não como mimese do processo, conforme propõe Hutcheon (1984).

A conversa da autora ficcionalizada com o leitor virtual realiza-se, como se tal tomasse lugar no instante mesmo em que o texto é escrito, remetendo não só à intertextualidade, mas aos impasses. Trata-se de uma das estratégias para aproximar o leitor da obra, uma

vez que ele se torna participante, quase que um coautor da história que está sendo (re)construída.

Por via da metalinguagem, não há apenas a reflexão sobre a obra produzida, mas também a criação de outra, pois o que era uma “hesitação” transforma-se em uma nova história: a do encontro de Carolina com a autora ficcionalizada.

Graças à metaficcionalidade é que os embates da criação são encenados dramaticamente. Isso pode ser observado, por exemplo, na passagem em que Carolina reivindica uma história de amor com Discípulo, outra personagem que está a ser criada por Lygia Bojunga:

– Mas como é que fica?

– Ué: fica como ficou no teu auto-retrato. Nem mais, nem menos.

– Mas não pode.

– Por que que não pode?

– É claro que não pode! Lá ele [o Discípulo] não tem... não tem história. Não tem começo-meio-e-fim. Lá ele... ele só vive na minha imaginação; não é feito o meu pai, feito... a minha mãe, feito a Bianca...

– [...] O Discípulo fica sendo fruto do espaço da tua imaginação, dos teus sonhos. É só lá que ele vai viver (BOJUNGA, 2002, p. 205).

O que se evidencia na narrativa e o que está em jogo são os impasses que cercam a criação dos seres ficcionais, o seu poder de convencimento, sua veracidade. Isso é feito, entretanto, não por meio de um discurso indireto de cunho reflexivo e sim de um vivo diálogo empreendido entre criador e criatura (ANDO, 2011).

A figura de Lygia Bojunga assoma na obra como autora e Carolina é consciente de seu papel de personagem de uma obra narrativa. Criadora e criatura discutem o enredo, decidem os passos a serem seguidos pela protagonista que, em determinado momento da narrativa, parece ter vida própria, independente dos desejos de sua autora. Mesclando e, ao mesmo tempo, colocando em xeque nossas concepções de realidade e ficção, Lygia Bojunga convida os leitores a repensarem o antigo pacto estabelecido pela ficção ao se iniciar a leitura de uma obra. Nela, Bojunga força seu leitor, inicialmente, a mergulhar no mundo ficcional ali apresentado e construído por meio da imaginação; na segunda parte, entretanto, parece buscar o leitor nas profundezas de sua imaginação e forçá-lo a reconhecer que aquilo que

está a ler é ficção, que Carolina é uma construção discursiva, um ser feito de palavras.

Desnudando o fazer poético, Lygia compartilha com o leitor os artifícios dos quais se vale na construção do texto literário, desvendando os “bastidores” desse ato. Deixando as costuras à mostra na confecção de seu tecido/texto, a autora desautomatiza a leitura de jovens que estão habituados a obras que pretendem “esconder” o fato de a obra literária ser um objeto construído, não mero fruto de inspiração, mas de muita transpiração. A obra constitui-se como um dizer que se mostra, encenando-se e ganhando concretude.

Em uma era em que tudo já é mostrado “pronto” e rapidamente feito (pensemos, por exemplo, nos jogos, nos programas de televisão), em que o que é valorizado é o produto, o resultado, “Retratos de Carolina”, assim como diversas obras contemporâneas, surge como a tentativa de valorizar o processo, a apresentação dos meios utilizados para que se possa alcançar determinado resultado, o que é essencial para a formação do jovem leitor. Mais do que conhecer as “estruturas” que compõem a obra literária – personagem, espaço, tempo, enredo e mesmo a simulação de autoria –, “Retratos de Carolina” propicia ao jovem conhecer o valor do processo e mesmo o questionar da concepção de realidade e ficção.

A metaficção [...] é um agente subversor da forma canônica da literatura infantil e juvenil e converte o leitor em colaborador autoconsciente, mais do que em um consumidor facilmente manipulável (COLOMER, 2003, p. 112).

É, aliás, o suscitar do questionamento uma das estratégias da recorrência à metaficção na contemporaneidade. Ao final da narrativa, Carolina, torna-se “escritora”, escreve um diário em que relata suas expectativas, tece comentários a respeito de sua criadora e revela suas fantasias. O último retrato construído é o de “Carolina aos vinte e nove anos”. Nele, a protagonista, após vinte e três anos, reencontra Priscilla, a amiga de infância que a traíra, mas que agora, por uma ironia do destino, é justamente quem lhe abre as portas para a realização profissional. É neste episódio que se dá a despedida entre criador e criatura, concretizada graficamente por uma imagem verbal que se

afunila até culminar na palavra “tchau”, sinalizando a despedida entre obra e leitor.

(In) Conclusões

Marcada por inovações visíveis em termos estruturais e temáticos, a narrativa juvenil contemporânea brasileira, representada aqui por Lygia Bojunga, como pôde ser observado, apresenta como um de seus principais traços o emprego de estratégias metaficcionalis.

Se a literatura tradicional aniquila a dúvida, negando à criança e ao adolescente que tirem suas próprias conclusões, a dúvida – visível na narrativa de cunho metaficcional – funciona como ferramenta para o combate de mentalidades conformistas, identidades reificadas e avessas à diferença. Tais narrativas oferecem a chance de exercitar o pensamento por meio da voz das personagens e do narrador, o que é feito por meio da exibição das estratégias do narrar.

Possibilitando a (con) fusão entre os mundos empíricos e ficcional, e deixando a descoberto a ideia de que todas as histórias são produto de uma construção ficcional, as obras de caráter metaficcional causam no leitor o estranhamento, abalando suas expectativas, solicitando-lhe comportamentos interpretativos de natureza crítica, mais do que um consumo meramente ingênuo e passivo dos textos. Desta forma, contribuem, indubitavelmente, para a formação de jovens leitores críticos não apenas em termos textuais, mas também sociais, haja vista que

estes mecanismos metatextuais encerram em si uma forte perspectiva libertadora, já que, dirigindo o seu olhar a um leitor crítico, o alertam para a possibilidade de ler o mundo de uma outra forma: uma forma não ingênua, mais consciente e livre, capaz de lhe assegurar ferramentas cognitivas para se eximir aos múltiplos e polifacetados processos de manipulação (AZEVEDO, 2006, p. 22).

Referências

ANDO, Marta Yumi. Do criador à criatura: o desdobramento discursivo em *Fazendo Ana Paz* e *Retratos de Carolina* de Lygia Bojunga. **Itinerários**, Unesp, n. 33, p. 171-188, jul./dez. 2011.

AZEVEDO, Fernando. **Literatura Infantil e leitores**. Da teoria às práticas. Braga: Departamento de Ciências Integradas e Língua Materna - Universidade do Minho, 2006.

BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Narcissistic Narrative**: the metafictional paradox. New York: Methuen, 1984.

WAUGH, Patricia. **Metafiction**: the theory and practice of self-conscious fiction. Londres: Routledge, 1984.

Recebido em: 16/05/2015

Aceito em: 22/06/2015

